

Notas etnográficas sobre a música em um culto jovem evangélico: diversão, arte, liturgia e espiritualidade¹

Ethnographic notes on the music at a young evangelical cult: fun, art,
liturgy and spirituality

Waldney de Souza Rodrigues Costa²
dnney@ibest.com.br

Resumo

O objetivo deste texto é compartilhar algumas notas etnográficas feitas a partir de minha observação participante do culto jovem *Fixados em Cristo*, realizado aos sábados no local conhecido como *Espaço Master*, qual pertence à Primeira Igreja Batista de Juiz de Fora, MG. Procuo, a partir da narrativa de um dos cultos, fazer uma descrição da cerimônia, na qual, tentando entender os aspectos lúdicos, vi que talvez fosse possível compreender a especificidade deste culto chamado jovem, pela forma como a música era utilizada em sua realização. Pode-se dizer que o texto/resultado é uma interpretação do culto em chave musical. Ao que parece, a música é utilizada de diferentes maneiras durante um mesmo culto e, em alguns momentos, passa a ser não só um veículo que conduz ou induz à experiência religiosa, mas a própria experiência em si.

Palavras-chave: Etnografia. Música gospel. Culto jovem evangélico. Experiência religiosa.

Abstract

The purpose of this text is to share some ethnographic notes made from my participant observation of cult young “Fixados em Cristo”, held on Saturdays at the site known as “Espaço Master”, which belongs to the First Baptist Church of Juiz de Fora, MG. From the narrative of one cult, I seek to make a description of the ceremony, in which, trying to understand the playful aspects, I saw that it might be possible to understand the specificity of this cult called young by the way the music was used in its realization. It can be said that the text / result is an interpretation of the cult at musical key. Apparently, the music is used in different ways during the same cult and, at times,

¹ Trabalho apresentado na Segunda Semana de Ciência da Religião realizada pelo Programa de Pós-graduação em Ciência da Religião da Universidade Federal de Juiz de Fora – PPCIR/UFJF em setembro de 2013. Agradeço imensamente aos membros do grupo jovem Fixados em Cristo que contribuíram para a elaboração das informações aqui apresentadas.

² Bacharel em Teologia pela Faculdade Unida de Vitória (2011) e em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF (2012). Mestrando em Ciência da Religião pelo Programa de Pós-graduação em Ciência da Religião da Universidade Federal de Juiz de Fora – PPCIR/UFJF, desenvolvendo pesquisa com bolsa financiada pela CAPES.

becomes not only a vehicle that induces or leads to religious experience, but the actual experience itself.

Key-words: Ethnography. Gospel music. Evangelical cult young. Religious experience.

Introdução

Durante algum tempo, no desenvolvimento da ciência social brasileira, a antropologia não dedicou ao protestantismo, nem mesmo a sua versão (neo)pentecostal, a mesma atenção dada às religiões de matriz afro. (MONTERO, 1999, p. 357). É quase que desnecessário comentar o crescimento dos evangélicos nas últimas décadas, mas o fato é que, devido ao seu caráter heterogêneo, potencializado pelo avanço dos (neo)pentecostaismos (ALMEIDA, 2004, p. 20), esta vertente do campo religioso brasileiro tem-se apresentado cada vez mais frutífera para pesquisas de viés antropológico. Isto por que estudos etnográficos dos evangélicos podem ajudar a pensar o trânsito religioso de pessoas entre religiões, para além da categoria de conversão, tão questionável, como bem observou Paula Montero. (1999, p. 360), e também a migração de religiosidades entre as religiões, como acentuou Vagner Gonçalves da Silva (2011).

Ao analisar os reflexos do pentecostalismo sobre o campo religioso brasileiro, mais especificamente sobre o protestantismo histórico, Leonildo Campos (1999) expõe alguns quadros possíveis para o futuro do protestantismo no Brasil, sendo o “protestantismo pentecostalizado” uma de suas apostas. Pelo que tenho observado, atualmente, é possível afirmar que, em certos aspectos, a Primeira Igreja Batista de Juiz de Fora – MG (PIBJF)³, instituição que promove o culto a ser analisado nesta pesquisa, tem sido afetada pelo modo de ser pentecostal.

Como será explicado mais adiante, nesta pesquisa inicial, identifiquei que esta igreja sofreu um processo de crescimento intenso nos últimos anos. Nas primeiras observações, notei que neste processo, várias pessoas que anteriormente eram frequentadores de igrejas pentecostais como *Assembleia de Deus* ou *Igreja do Evangelho Quadrangular*, passaram a se identificar com a PIBJF, frequentando seus cultos e muitos se tornaram membros da instituição, participando na organização e

³ A partir deste ponto, em alguns momentos a igreja será identificada pela sua sigla.

execução das atividades da igreja. Observando este fato, surgiu a dúvida sobre como a experiência pentecostal estaria sendo reinterpretada por pessoas que se inseriram em uma igreja protestante histórica.

É verdade que este não era o primeiro objetivo da pesquisa. A minha inserção neste campo se deu com a atenção voltada aos aspectos lúdicos dos cultos especialmente voltados para os jovens, a fim de iniciar a coleta de dados para a minha dissertação de mestrado que está em processo de construção. Atentando à ludicidade do culto, se tornou impossível desconsiderar a centralidade que a música tinha na cerimônia, em diferentes momentos, além do caráter lúdico, era explorada de diferentes outras maneiras.

Ao se falar de música e de evangélicos, se torna premente fazer referência ao advento do fenômeno *gospel*. Emergindo no seio da cultura brasileira, embora pareça uma abertura comportamental moderna, apresenta certos hibridismos entre a tradição e a modernidade. (cf CUNHA, 2004). Muitas atividades e vivências comuns de lazer, anteriormente proibidos pelas igrejas evangélicas, foram dotados de conteúdo religioso, para se tornarem lícitos⁴ ao novo estilo de crente característico do neopentecostalismo, sendo ressignificados sob o rótulo de *gospel*, mas sem desfazer a dicotomia que permeava o imaginário do pentecostal das primeiras ondas pentecostais⁵. Em princípio evangélico/do mundo, depois *gospel*/secular. Isso acontece especialmente com os elementos que envolvem música. Se há CDs seculares, há também CDs *gospel*; se há um rock secular, há também um rock *gospel*⁶. Em suma, parece que a música *gospel* é uma espécie de espelho da música em geral.

⁴ Interessante que a etimologia do vocábulo lazer seja realmente esta: *licere* ou aquilo que é lícito ou permitido.

⁵ Faço aqui uma referência à teoria das três ondas do pentecostalismo, que seriam pentecostalismo clássico, deuteropentecostalismo e neopentecostalismo. (cf FRESTON, 1993, p. 27-41; MARIANO, 1999, p. 23-49).

⁶ A expressão secular tem sido utilizada no vocabulário de evangélicos para delimitar a música comum, em relação à música que é feita pelos evangélicos. Interessante que não basta ter conteúdo religioso. Neste sentido, músicas do Arlindo Cruz que falam de fé, por exemplo, também são tidas por seculares e, para alguns evangélicos, até mesmo as músicas produzidas por cantores e bandas católicas como Rosa de Saron ou o próprio padre Marcelo Rossi também são seculares. É como se existisse o *gospel*, que é a música que o crente ouve, e o resto fosse tido como secular.

Ainda sobre o *gospel*, tem-se recentemente a promulgação da lei federal 12590 pela presidenta Dilma Rousseff, promulgada tendo em vista reconhecer “a música *gospel* e os eventos a ela relacionados como manifestação cultural”⁷ (BRASIL, 2012), alterando o texto da lei federal 8313, que foi criada para reestabelecer os princípios que instituem o Programa Nacional de Apoio à Cultura (PRONATEC). Este fato aumenta o reconhecimento do fenômeno *gospel* no país, mas parece criar uma situação paradoxal com a restrição: “exceto aqueles promovidos por igrejas”. Uma manifestação cultural, que emergiu inicialmente através da ação de igrejas evangélicas, é reconhecida, desde que estas instituições não estejam na promoção dos eventos a envolvem.

Para além do debate sobre laicidade que não está no foco deste texto, esta informação dá uma pista a respeito das divisões que existem na música *gospel*. É possível que o tipo de música *gospel* executado nos cultos não seja o mesmo dos eventos, como shows, bailes, entre outros. Para Salvador de Sousa (2012), um colecionador de discos, apesar do comum aspecto religioso das letras, não é qualquer tipo de música *gospel* que comumente é tocado nas igrejas. Ele, que se propôs a escrever, de forma remissiva, em contato com outros colecionadores, uma história da música evangélica no Brasil, afirma que existe um estilo musical, que ele chama de *louvor e adoração*, que se refere ao tipo de música que de forma mais geral é utilizado nos cultos, sendo os outros estilos, como *pagode gospel*, *funk gospel*, entre outros; destinados aos momentos de lazer dos evangélicos.

A grande questão é que, como apontei em outro trabalho (COSTA, 2013), no intuito de deixar o culto mais atrativo, algumas igrejas evangélicas se abriram a diversos conteúdos do lazer. Estes estilos musicais *gospel*, aparentemente destinados ao lazer, começaram a ganhar espaço nos momentos litúrgicos, a fim de tornar a cerimônia mais divertida, especialmente para os jovens. Quando comecei minha observação participante do culto jovem *Fixados em Cristo*, realizado aos sábados no local conhecido como *Espaço Master*, qual pertence à Primeira Igreja Batista de Juiz de Fora, MG, era com este tipo de vivência que me preocupava, visto que, acompanhando informativos desta igreja e informações divulgadas nas redes sociais, era possível perceber nesta instituição uma preocupação muito forte em promover atividades de lazer.

⁷ Grifo original.

No entanto, no decorrer da pesquisa, percebi que, ainda que presente, o aspecto lúdico das músicas não era tão central. E para a minha surpresa, em alguns cultos, ele nem era tão explorado. Além disso, me chamou a atenção o fato de que, apesar da nomenclatura “culto jovem”, sempre havia pessoas de diversas idades. É verdade que a maioria dos presentes aparentava ter idades entre quinze e vinte e cinco anos, mas era intrigante o fato de haver uma quantidade significativa de pessoas que destoavam desta média. O que estas diversas pessoas estariam buscando nestes cultos? Como minha atenção já estava voltada para a musicalidade do culto, logo percebi que havia algo nas músicas que talvez merecesse ser mais bem explorado para responder tal questão e é o que pretendo fazer adiante.

Então, tentando entender seus aspectos lúdicos, vi que talvez fosse possível compreender a especificidade deste culto chamado jovem, pela forma como a música era utilizada em sua realização, quer pela execução instrumental, canto ou dança. O texto que se segue, embora não seja exatamente uma etnografia, foi produzido tendo por base este perfil metodológico. Meu objetivo é compartilhar algumas notas, que por este motivo chamo de etnográficas, obtidas através da pesquisa de campo em que, durante o período aproximado de três meses, estive participando frequentemente do culto jovem *Fixados em Cristo* e esporadicamente de outras atividades da PIBJF. Neste período, compreendido entre maio e agosto de 2013, minha atenção esteve voltada às diferentes formas como a música é utilizada no rito e a forma como poderiam ou não estar influenciando o comportamento das pessoas durante o culto.

Como em qualquer outra etnografia, estabelecer uma relação com os sujeitos/objeto da pesquisa demanda tempo, algo que ainda não pode ser feito em profundidade. Grande parte dos jovens que exercem alguma função no culto está sempre muito ocupada com várias outras atividades da igreja, o que dificultava os encontros formais. Desta forma, minha aproximação foi feita nas redes sociais e em conversas esporádicas ao final do culto ou antes dele. Por ora, entrevistei formalmente poucas pessoas, mas que já ajudaram a compreender um pouco sobre alguns dos momentos que acontecem no culto. Acredito que a apresentação de diferentes usos da música em um culto evangélico pode ser útil para pensar as interpretações dos jovens sobre a sua religiosidade, relacionando-a com a musicalidade e com a emergência de novos estilos de vida religiosos, especialmente com a emergência do fenômeno gospel.

A Primeira Igreja Batista de Juiz de Fora – MG (PIBJF)

Existem no Brasil, duas convenções de igrejas batistas em âmbito nacional, a Convenção Batista do Brasil e a Convenção Batista Nacional. Em Juiz de Fora – MG, há várias igrejas que reivindicam em seus nomes a identidade batista, mas é difícil precisar qual está vinculada a que convenção. Há também algumas que não são vinculadas a nenhuma. Destaca-se nesta cidade as igrejas: Igreja Batista Jardim das Oliveiras, Igreja Batista Resplandecente Estrela da Manhã (IBREM), Segunda Igreja Batista de Juiz de Fora (SIBJF), Primeira Igreja Batista de Benfica (PIB-Ben), Igreja Batista do Calvário, Igreja Batista da Conquista, Igreja Batista do Getsêmani – Missão Juiz de Fora, Igreja Batista Projeto Nova Esperança (IBPNE), entre outras.

Neste cenário batista juiz-forano, a Primeira Igreja Batista de Juiz de Fora – MG (PIBJF) chama a atenção por tratar-se de uma instituição eminentemente histórica, mas que tem passado por algumas transformações recentes que parecem ser de grande relevância. Segundo os dados de seu site oficial, foi uma igreja evangélica pioneira no Estado de Minas. Fundada em 1889 por missionários americanos, esta instituição religiosa, que tinha sua sede administrativa no Rio de Janeiro – RJ, já passou por várias reorganizações, especialmente na década de 1950. Mais recentemente, além das mudanças administrativas, a instituição passou por transformações de ordem espacial. A construção do templo localizado na confluência das ruas Catarina de Castro e Cosete de Alencar, no Morro da Glória iniciou em 1958, sendo concluída em 1963. Vinte anos depois, junto ao templo, foram criadas as instalações de um seminário de teologia. Ficando este espaço revestido de salas, além do salão em que eram realizados os cultos.

Ainda segundo o site da igreja, com a chegada do pastor Aloísio Penido Bertho, que é quem está atualmente na direção da instituição, ocorreu uma grande mudança no perfil da igreja. O número de membros ativos saltou de trezentos para dois mil⁸. O

⁸ Esta também é uma informação do site. Talvez seja questionável, visto que é muito comum as igrejas superestimarem o contingente de membros que possuem. Mas no período que estive em campo, ocorria uma campanha de cadastramento de membros, em que as pessoas são convocadas a atualizar seus dados na secretaria da igreja, para confirmar que estão ativos. Esta campanha tem sido realizada todo ano nesta igreja, ao que parece, numa forma de controlar a quantidade de votos necessários para aprovar as decisões de assembleias, como a que foi realizada para definir um estatuto de uma casa de recuperação de narcóticos a ser criada. Acredito que este fato aumenta a confiabilidade dos dados informados.

templo se tornou pequeno e passou-se a alugar as instalações do Ginásio Sport Club, localizado na Avenida Barão do Rio Branco, no centro da cidade, para melhor acomodar os frequentadores dos cultos realizados nas noites de sábado e domingo. Algo que não consta no site, mas que alguns frequentadores antigos relatam é que, em pouco tempo, os cultos das noites de quarta também passaram a ser realizados no ginásio.

A solução encontrada para melhor acomodar as pessoas foi alugar as instalações da antiga malharia Master, também localizada na avenida Barão do Rio Branco. Durante o tempo em que estive em campo, era muito comum, especialmente no momento da coleta de ofertas, os dirigentes do culto falarem o valor do aluguel deste espaço, que se afirma ser de trinta mil reais. Trata-se de um espaço relativamente grande. Com um salão com capacidade para três mil pessoas sentadas, o espaço também agrega várias outras instalações que também são utilizadas com diversas funções.

Ainda sobre os espaços da PIBJF, destaca-se que, além do espaço da antiga malharia, no ano passado (2012), a igreja entrou em uma campanha para comprar um espaço rural. Este local recentemente comprado situa-se no bairro Grama, numa região mais afastada da área central da cidade. Há várias fotos deste lugar publicadas nos informativos da igreja e espalhadas na entrada do espaço que pertencia anteriormente à malharia. Semelhante ao que acontece com o valor do aluguel deste espaço, o valor da compra da granja também é muito enfatizado, sendo dois milhões de reais. Ao que parece, é um espaço amplo, com campo de futebol, piscina, playground, e há planos para que se criem instalações de um centro de recuperação de narcóticos neste lugar.

Resume-se então em três os espaços da igreja. O antigo templo, chamado hoje de *Templo 1*, onde há um salão em que são realizados alguns cultos da igreja, sendo que o prédio também está envolto de várias salas que são utilizadas para atividades diversas, incluindo as instalações do seminário de teologia, chamado Seminário Unido do Brasil. O espaço de caráter mais rural, que é chamado pela igreja de *Fazenda PIBJF*. E o espaço que anteriormente pertencia a malharia, que é chamado ora de *Espaço PIBJF*, ora de *Espaço Master* (fazendo referência a antiga malharia). Este último é o que mais nos interessa, visto que é o lugar em que ocorrem os cultos mais frequentados, nas manhãs de domingo, e nas noites de quarta, sábado e domingo. Sendo o de sábado chamado, ora de *Culto Jovem PIBJF*, ora de *Culto Fixados em Cristo*, por ser este o nome do grupo de jovens da PIBJF.

O grupo jovem *Fixados em Cristo* (CF)

A prática de dar nomes a grupos jovens de igrejas evangélicas tem se tornado comum em Juiz de Fora – MG. Há o *Impact* da Igreja Batista Resplandecente Estrela da Manhã, o *Mocidade de Jesus* (MJ) da Igreja Metodista Central, o *Strong* da Igreja Ministério Colheita Internacional, entre outros. Todos eles, inclusive o *Fixados em Cristo* (CF)⁹, possuem logomarcas que representam o grupo e elas são utilizadas de várias formas. Uma prática que me chamou a atenção nas redes sociais é a de se fotografar artistas famosos segurando gravuras do logo para promover a marca do grupo, semelhante ao que fazem algumas agências de comunicação, como pode ser observado na figura 1.

Este grupo por nome *Fixados em Cristo* possui uma média de trezentos jovens ativos, segundo um de seus membros informou, e promove vários eventos para os jovens da PIBJF. Destaquei em outro trabalho, já citado (COSTA, 2013), vários eventos de lazer que ocorreram entre 2012 e 2013 sob a organização deste grupo. Mas além destes eventos que ocorrem de maneira esporádica, este é o grupo responsável pelo culto jovem (como é chamado) realizado nas noites de sábado no Espaço PIBJF, anunciado para as 19:30 h¹⁰.

A musicalidade parece ser realmente uma marca do culto. Durante o período da pesquisa, dificilmente havia um momento do culto em que não havia música. Em alguns momentos, dança, canto e instrumentos, em outros canto e



Figura 1 – As cantoras gospel Fernanda Brum (esquerda) e Bruna Karla (direita) segurando a logomarca do grupo jovem Fixados em Cristo. Imagem disponível em <https://www.facebook.com/emcristo.fixados/media_set?set=a.291833207589863.57713.100002895588713&type=3#!/photo.php?fbid=291835404256310&set=a.291833207589863.57713.100002895588713&type=3&theater>. Acesso em 15 ago. 2013.

⁹ A partir deste ponto, em alguns momentos o grupo será identificado pela sua sigla: CF.

¹⁰ A placa que identifica o Espaço Master indica 19 horas, mas durante o período em que estive em campo, tem começado por volta de 19:30h e tem sido anunciado para este horário. Está ocorrendo uma enquete no site oficial da igreja durante o mês de agosto de 2013 para colher a opinião sobre qual o melhor horário.

instrumentos, e ainda em outros apenas uma música instrumental, até mesmo um único instrumento acompanhando o que acontecia no culto. Desde a primeira observação, vi como isso crescia nos cadernos de campo, ganhava espaço para a formulação de hipóteses e resolvi apostar na possibilidade de se compreender a especificidade do culto chamado jovem, pelas formas como a música aparecia no culto. É nesta perspectiva que foram geradas as primeiras notas a serem aqui apresentadas.

Durante as primeiras idas, muitas das notas que foram para os cadernos de campo eram frases emitidas durante o culto. Da análise dessas expressões surgiram as ideias para o subtítulo deste trabalho, pois em alguns momentos eram vocalizadas a diversão, a arte e a espiritualidade, sendo a liturgia um complemento que criei para compor o quadro que acredito ser necessário para explicar minhas conclusões.

Estas notas iniciais sobre o culto jovem *Fixados em Cristo* servem para descrever um pouco do que concluí. Para apresenta-las o que se fará adiante é a narrativa de um dos cultos, retirada dos cadernos de campo, buscando fazer uma descrição densa da cerimônia (GEERTZ, 2008), nos limites que as páginas do presente artigo permitem essa densidade, procurando criar uma interpretação integrada. Mas, lembrando Clifford (2000), buscarei complementá-la não perdendo de vista as interpretações de outros sujeitos envolvidos na experiência e cabe lembrar que desde o início, a descrição estará condicionada pelo objeto que foi escolhido para a pesquisa, a religiosidade em relação com a música. Pode-se dizer que o texto/resultado que se segue é uma interpretação do culto em chave musical

O culto jovem *Fixados em Cristo*

Cada culto jovem realizado pelo grupo Fixados em Cristo possui uma temática diferente que geralmente é divulgada poucos dias antes do culto. Tomarei por base, um que se intitulou *Louvai ao Senhor em todos os ritmos*, pois neste dia, ocorreu uma grande abertura a cada uma das diferentes maneiras que eu vinha observando como a música era utilizada no culto.

Como de costume, já haviam pessoas desde cedo no espaço. Não é possível explicar o culto jovem CF descrevendo somente os eventos que se sucedem durante o horário demarcado do culto. É necessário descrever também o que acontece

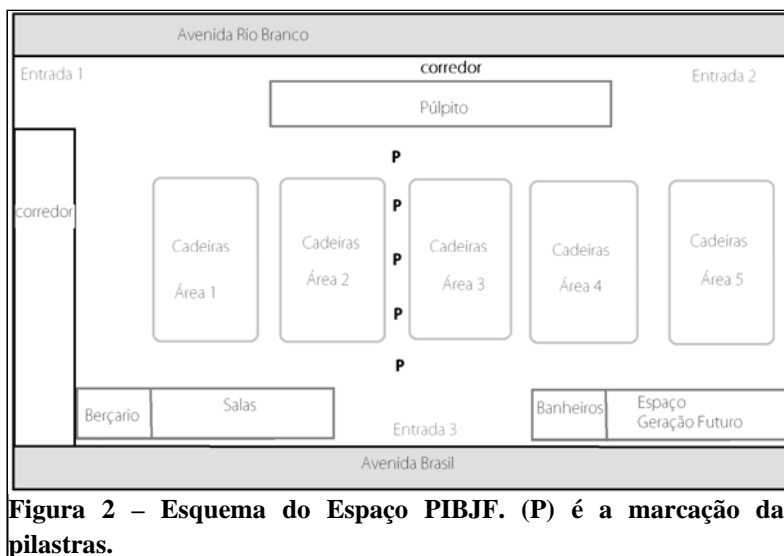
previamente, pois alguns momentos do culto dependem de fatos anteriores. O fato de existir um grupo de dança no culto, por exemplo, depende de que, em algum dia da semana, as moças envolvidas em tal atividade tenham se reunido para ensaiar para o culto. Mas como se dá este ensaio?

Existem dois grupos de coreografia na PIBJF. Em uma entrevista realizada com uma das coreógrafas de um dos grupos, ela relatou que os ensaios sempre acontecem em alguma sala do *Templo 1*, mas que não há um ensaio propriamente dito. O que acontece é que elas se reúnem, geralmente para ficarem juntas em momentos em oração. Segundo a coreógrafa, em alguns destes encontros, o que fazem é orar ou ficarem lendo a Bíblia em grupo. Por vezes, coloca-se um louvor, como eles preferem chamar este tipo de música, para tocar com um volume mediano, as integrantes do grupo se colocam em oração e fazem uma espécie de dança espontânea.

Há uma regra geral que parece ser respeitada: quem não for ao ensaio, não dança no culto da semana. Isso parece ser respeitado pelos grupos de dança e também pela banda *Fixados*, que é o conjunto que executa as músicas durante o culto. Os integrantes da banda costumam chegar na igreja antes das 18 horas para ensaiar e isso não parece lhes ser sacrifício algum. Após regular o som, o que a banda faz no ensaio não se difere tanto do que faz no período do culto. Na primeira ida a campo, durante o ensaio, pensei que o culto já havia começado, pois enquanto a banda ensaiava, várias pessoas já se encontravam no salão, ainda que algumas estivessem espalhadas por outros espaços.

Retomando o dia que está sendo relatado, a banda esteve ensaiando até quase 20 horas, mas isso não é muito comum. O que comumente acontece é o ensaio ir até por volta de 19:15h e a banda parar para orar. Geralmente, encerram o ensaio fazendo uma roda em torno do violonista e orando, enquanto o ele fica executando alguma canção no violão. E depois da oração, começa-se o culto. Mas não existe um padrão para a abertura. Pode começar com uma palavra do pastor que irá dirigir o culto naquele dia, como por uma de quem irá liderar a banda no dia, como pode nem ter esta palavra inicial e o líder começar orando enquanto a banda já começa a executar a primeira canção da noite. Neste dia relatado, era um dos primeiros cultos dirigidos pelo pastor Peterson. Ele veio à frente e deu uma palavra inicial às pessoas que já se encontravam, dando abertura ao culto.

Antes de falar das etapas do culto, ainda é importante destacar que, enquanto a banda ensaiava, várias pessoas já iam chegando, os salva-vidas¹¹ às recebiam e um dos grupos de coreografia¹² se reunia num corredor situado atrás do púlpito, que lhes serve de sala, para acertar detalhes sobre o culto, como pode ser visualizado no esquema da figura 2.



Pelo que conversei com a coreógrafa, é neste momento que a banda passa para elas quais as músicas que serão tocadas e a ordem para que elas se organizem sobre como executarão a dança. Neste dia, próximo à entrada três, o outro grupo também se preparava, mas isso também não é muito comum. O que aconteceu na maioria das minhas observações foi uma alternância entre os grupos, um sábado era um, no seguinte era outro, mas neste dia os dois grupos iriam se apresentar.

Assim como não há um padrão para começar, não há necessariamente uma ordem para o que vai acontecer no culto, que pode ter vários momentos que não necessariamente acontecem sempre na mesma ordem. Apesar disso, consegui discernir alguns conjuntos de momentos do culto que dividirei aqui em três, o louvor, a pregação e o intervalo entre eles que chamarei de interlúdio.

Durante o louvor, as músicas vão sendo executadas geralmente seguindo uma cadência, das mais agitadas para as mais calmas. Semelhante ao revezamento que

¹¹ Salva-vidas são jovens que ficam se posicionam em várias áreas do salão e desenvolvem várias atividades durante o culto semelhantes às que os diáconos realizam nos demais cultos da igreja, ou seja, receber visitantes, receber as fichas de cadastro, ajudar a recolher as ofertas e contribuir para a ordem do culto. Geralmente, nos momentos de oração por exemplo, eles oram de olhos abertos observando o que está acontecendo no salão. Eles utilizam um colete vermelho, semelhante aos salva-vidas profissionais e um crachá com o nome.

¹² Anteriormente existia somente o *Shekinah*, que é composto por adolescentes. Mas com o crescimento da igreja, algumas jovens de maior idade despertaram o desejo de fazer a coreografia no culto, formando então o grupo *Filhos da Herança* que é formado por jovens de uma faixa etária maior. Mas com o desenvolvimento dos grupos, segundo algumas componentes relatam, o que aconteceu é que a inclusão de membros nos grupos hoje se dá mais por afinidade do que por critérios de idade.

acontece com os grupos de dança, há um revezamento entre os dois líderes da banda. Geralmente, eles utilizam roupas comuns a jovens nesta faixa etária, calça jeans e camisas de malha. Já os grupos de dança possuem uniformes específicos. Há uma divisão de gênero muito clara. Não há mulheres executando nenhum instrumento, assim como não há rapazes dançando. Conversando com os jovens, percebi que quanto à banda, não há nenhuma restrição, citaram até que há uma moça que toca violão no culto de quarta à noite, mas quanto à dança, há uma proibição rígida do pastor líder da igreja, que impede que existam rapazes dançando.

A banda fica posicionada mais à esquerda do púlpito, enquanto a área mais à direita fica disponibilizada para a execução das danças, até por ser próxima ao corredor que elas utilizam. A cada música elas sobem no púlpito, que é bem alto, cerca de um metro e meio do chão, o que facilita a visualização de quem está nas cadeiras. No intervalo entre as músicas elas descem. A primeira impressão para quem está assistindo é que elas erram alguns passos, mas o que se sucede é que as danças são feitas de forma espontânea em certa medida. Uma pessoa escolhida para liderar determinada música faz os passos e as outras, posicionadas em torno desta, tentam copiar na maior sincronia possível, mas o que acaba acontecendo é que elas fazem um pouco atrasadas, o que gera a impressão de erro.

A banda também possui seus momentos de improviso. Embora as músicas sejam executadas na maior proximidade com suas versões originais, é comum eles prolongarem alguma canção, ou emendarem em outra, fazem versões diferentes e muito disso é feito em grande sintonia. Ao que parece, flui naturalmente. Nas primeiras músicas, que são mais agitadas, é comum tocarem algumas letras com dizeres do tipo “por isso eu pulo na presença de Deus”, “dá vontade de dançar, dá vontade de gritar, dá vontade de correr”. Estas canções parecem incomodar algumas das pessoas mais velhas que vão ao culto, mas para alguns jovens é um momento de descontração. É comum o líder da banda afirmar que aqueles que aceitaram a Jesus são livres para se divertir na presença de Deus. Nas músicas deste tipo que foram tocadas no dia que aqui está sendo tomado por referência, algumas adolescentes saíram de seus lugares e foram para um espaço que se forma no fundo do salão entre a área 5 de cadeiras e o espaço do geração

futuro¹³. Lá elas ficaram dançando e gritando à medida que a música dava as palavras de ordem. Logo se juntaram mais adolescentes. Elas demonstravam uma alegria intensa e, neste dia, durante as músicas mais lentas, elas resolveram fazer um círculo e ficar neste lugar orando. Só retornaram para seus lugares no final do louvor.

As músicas tocadas durante este período inicial geralmente não variam muito no estilo musical. É semelhante ao um pop rock, mas, conforme a divisão de Sousa (2012), dentro do gospel, as canções executadas neste momento do culto seriam do estilo *louvor e adoração*. As letras são geralmente em primeira pessoa, compostas por frases como “eu adoro ao senhor”, “estou aqui para te servir” ou “eu quero estar em tua presença”. Durante a execução das canções, comumente o líder da banda libera algumas palavras de ordem como “adore ao senhor”, “levante a mão”, “grite aleluia”, “glorifique ao Senhor”. Neste culto, durante o período em que as adolescentes dançavam no espaço atrás das cadeiras, o líder disse: “você tem que ser feliz por que Jesus já te libertou”.

Os grupos de coreografia possuem adornamentos que utilizam de acordo com a letra da canção que é entoada. Assim, quando a música fala sobre o sangue de Jesus, elas utilizam uma espécie de véu vermelho, se fala de santidade, um véu branco, se falar de autoridade, elas utilizam uma espécie de cabo de madeira que chamam de cajado. Enfim, há muitos simbolismos empregados para que haja uma sintonia entre a banda e o grupo de coreografia, no sentido de transmitir àqueles que estão assistindo aquilo que está sendo executado, ou, como preferem falar, ministrado.

Neste sentido é importante destacar que em algumas músicas de ritmo mais suave, que geralmente são tocadas mais ao final do louvor, a coreografia é feita de forma totalmente espontânea, em que cada uma, geralmente umas oito a dez, se vê livre para dançar, como elas dizem, “da forma como o Espírito Santo lhe move”. Uma das integrantes relatou que tal formato não era muito comum na igreja. Nos últimos anos é que esta prática da dança espontânea tem ganhado espaço. Questionada sobre o que acontece quando dança desta forma, ela relatou que sente que o Espírito Santo derrama algo sobre sua vida que, ao dançar de forma espontânea, ela pode transmitir para as pessoas que estão embaixo, ou seja, nas cadeiras. Interessante como esta prática se

¹³ Este espaço é cercado por paredes. Trata-se de um salão menor, com aproximadamente umas cem cadeiras em que ficam as crianças nos cultos de domingo. Curioso que há uma cama elástica para as crianças brincarem, entre vários outros brinquedos.

assemelha com a experiência pentecostal, da forma como é entendida a cura divina, e está ganhando espaço no seio de uma igreja histórica.

Suspeito que esta prática não se restringe somente às coreógrafas. Tenho observado que uma quantidade significativa de pessoas, embora não seja a maioria, ergue os braços e se coloca a orar durante algumas músicas. Em uma entrevista, uma das jovens da igreja relatou ter certeza de que a grande maioria dos jovens da PIBJF fale em línguas, um dom premente nas primeiras ondas do pentecostalismo. Mas pelo que observei, estes jovens não falam, tal como nas igrejas pentecostais, em voz alta durante qualquer momento do culto. Muito menos nos microfones, como os pastores pentecostais das primeiras ondas. Então, a execução dessas músicas parece abrir espaço para que essa experiência de caráter pentecostal possa acontecer no culto de forma mais discreta, sem ferir as características históricas da igreja, uma vez que as músicas com o som relativamente alto encobrem a experiência, dando maior intimidade a quem a experimenta. Este aspecto possivelmente facilita a identificação de alguns pentecostais com a PIBJF, o que parece estar ocorrendo recentemente.

É um momento envolvente. Por vezes, em minha observação, não sei se pela música, ou pela atitude dos jovens, me senti um tanto quanto emocionado pelo que acontecia. É algo semelhante às emoções de um parque de diversões. Surgem arrepios, aumenta a adrenalina, surge uma insegurança em torno das próprias emoções. Sentimento também próximo àquele experimentado por quem participou das mobilizações de junho, nos momentos em que se cantava o hino nacional, ou o experimentado em alguns tipos de shows.

No culto tomado por base, ao encerrar o louvor, o pastor Anderson, um dos líderes, tomou a palavra e deu-se início ao que chamo aqui de interlúdio. Uma das coisas constantes deste momento é o recolhimento das ofertas. Não foi diferente neste dia. Enquanto o pastor fez um apelo para aqueles que quisessem entregar ofertas e dízimos e comunicou alguns avisos sobre outras atividades da igreja, os salva-vidas distribuíram envelopes para que as pessoas colocassem o dinheiro e alguns lápis para quem quisesse preencher com seu nome, valor, e se é dízimo ou oferta. Diferente de outros cultos da igreja, no sábado não se recolhe as ofertas, mas as pessoas são convidadas a leva-las à frente da igreja. Dois salva-vidas seguram uma bandeira do Brasil à frente do púlpito e, enquanto a banda toca uma música semelhante às que são

tocadas durante o culto, as pessoas que desejam contribuir, levantam de seus lugares e depositam o envelope na bandeira.

Apesar da música executada neste momento ser bem semelhante, o comportamento das pessoas se difere do comportamento durante o louvor. Aqueles que estão contribuindo tem que se locomover, logo, se encontram algum conhecido pelo caminho, é comum pararem para se cumprimentar. Os que se encontram assentados, por vezes conversam entre si. Então, o momento não fica tão envolvente quanto o período do louvor. Entretanto, quando a duração da música excede o tempo necessário para o ato, é comum que, retornando aos seus lugares, as pessoas se coloquem em um estado de espírito semelhante ao do louvor, até que se encerre a canção. Foi assim no dia aqui tomado por base.

É também no interlúdio que acontece algo que justifique a temática do culto. No caso deste que descrevo, por seu tema ser *louvai ao Senhor em todos os ritmos*, o que aconteceu foi que um grupo de pagode gospel foi convidado a se apresentar no culto. Neste instante a banda desceu do púlpito e quando assumiu, diferentemente da banda que ficava mais à esquerda, o grupo de pagode se posicionou bem ao meio para que todos vissem.

Este momento foi intrigante. Eles tocaram três músicas. E o comportamento das pessoas mudou radicalmente. Ao invés de estarem em pé, como é costume durante o louvor, se assentaram e o momento tomou uma conotação de espetáculo. De início, o grupo tocou uma mesma canção que havia sido tocada anteriormente pela banda *Fixados*, mas, obviamente, em outro ritmo e utilizando instrumentos diferentes. Em comparação, enquanto no primeiro momento as pessoas de pé, oravam ou cantavam a canção, agora elas assistiam e só aplaudiram ao final. Como uma apresentação artística. Logo, se tornou evidente que há algo no ritmo que parece condicionar a forma como as pessoas se predispõem ao momento.

Após a apresentação do grupo de pagode, o grupo de dança diferente do anterior, apresentou a coreografia de duas canções seguidas. A primeira era uma espécie de reggae gospel cantado em inglês e a outra era uma espécie de axé gospel. Diferente do modelo apresentado anteriormente, o grupo estava totalmente sincronizado e demonstrava claramente que os movimentos eram todos ensaiados. Neste momento, algumas poucas pessoas filmavam a dança com seus celulares, algo que eu ainda não

tinha visto em nenhum dos cultos que fui. O comportamento dos restantes se manteve como na apresentação do pagode gospel. Após estas apresentações, o pastor Peterson pediu para que as pessoas não se escandalizassem com o que estava acontecendo neste culto. Segundo ele, a proposta era apresentar que se pode adorar ao Senhor com outros tipos de arte. E completou com a frase: “tem gente que acha que vir pra igreja é andar de terno, gravata, paletó. Jesus ama a gente do jeito que a gente tá. Depois algumas coisas mudam, mas ele ama a gente do jeito que a gente tá” (sic).

Depois desta etapa, aconteceu o momento *quem sou eu*. Acontece em quase todo culto. As pessoas do ministério¹⁴ de Multimídia selecionam a foto de alguém que está no culto, e ela aparece nos projetores. Então a pessoa é convidada a falar sobre como começou a frequentar a igreja, o tipo de ministério que ele exerce na igreja e se está solteiro ou não. Em alguns cultos fazem isso com mais de um jovem. Este momento foi de suma importância para conhecer um pouco do perfil dos jovens que frequentam a PIBJF. Em todos os cultos que frequentei, a grande maioria dos jovens cujas fotos apareciam neste momento, dizia ter vindo de uma outra igreja evangélica e não de uma outra religião. Neste dia, selecionaram a foto de uma jovem e, por ocasião de seu aniversário, lhe foi prestada uma homenagem e a banda teve que improvisar o “parabéns pra você”, tentaram fazer em ritmo de rock e ficou bem descompassado. Foi um momento de descontração.

Após este momento, o pastor deu início ao momento que aqui chamei de pregação. Antes de falar sobre ele, cabe destacar que muitos outros eventos podem acontecer no interlúdio. Por ser nesta etapa que se demarca a temática do culto, outros momentos são inventados criativamente, sendo que o que parece ser constante mesmo é o recolhimento das ofertas e o *quem sou eu*, mas estes também são momentos que podem migrar para o meio do louvor ou para após a pregação, mas nas observações foi raro isso acontecer.

¹⁴ Ministério geralmente se refere a um departamento da igreja, semelhante ao departamento de uma empresa, com pessoas e equipamentos específicos para tratar de determinada função. Desta forma a expressão *ministério de multimídia* se refere a um grupo de pessoas responsáveis por operar com equipamentos relativos à mídia, como as fotografias retiradas no culto a serem postadas nas redes sociais, a filmagem do culto, a execução eventual de algum vídeo, entre outros. Pelo caráter de serviço, a expressão ministério também é utilizada para se referir ao tipo de atividade que uma pessoa exerce na igreja, o seu serviço prestado no culto ou em outro momento. Neste sentido, um violonista diria tanto que faz parte do ministério de louvor da igreja, quanto que seu ministério é o louvor.

A pregação então, se caracteriza pelo discurso do pastor. Em algumas vezes, o violonista fica fazendo uma espécie de fundo musical para que o pastor fale. Este, geralmente comenta algo com os presentes, lê um texto bíblico e se propõe a falar sobre um tema de relevância para a vida cristã. Este culto que está sendo narrado, aconteceu na semana de junho em que ocorreram várias manifestações populares no país, o que me deixou na expectativa de algum comentário sobre isso. O que não aconteceu. Nem mesmo uma alusão ao tema.

Quando perceberam que a pregação já estava para terminar, os jovens da banda subiram no púlpito novamente. A pregação geralmente termina com um apelo às pessoas para irem à frente para orar, mas neste dia o pastor teve que insistir um pouco para que as pessoas comesçassem a se deslocar. O que comumente acontece é as pessoas que se comovem a ir à frente, esperarem a banda começar a tocar suavemente para que saiam de seus lugares, como a banda não começou a tocar, elas parecem ter estranhado. Cabe lembrar que é um dos primeiros “cultos jovem” dirigidos por este pastor, imagino que a banda tenha ficado esperando o sinal dele e isso não aconteceu. Então, a oração final deste dia foi um tanto incomum.

Geralmente toca-se uma canção que tenha alguma relação com o que foi pregado, enquanto as pessoas estão orando neste momento. Ao final da oração, a banda começou a tocar uma canção instrumental suavemente e foi aumentando o volume à medida que o pastor ia levantando sua voz na oração. Estou chamando de oração, mas o que o pastor falava neste momento eram palavras de ordem como “você vai conseguir”, “Deus está contigo”. Falava com as pessoas e não com Deus. À medida que foi parando de falar, a banda também parou. E o culto terminou sem nenhum cumprimento ou despedida, apenas a banda tocou uma música, enquanto as pessoas iam saindo. Não é comum as pessoas ficarem depois do culto conversando ou fazendo qualquer coisa, salvo os jovens da banda e alguns outros poucos, a maior parte das pessoas se retira assim que o culto acaba.

Conclusões

Como se pode observar nestas notas, a música está presente em quase todos os momentos do culto. Pelo que foi analisado até aqui posso destacar algumas funções que

me pareceram bem claras. A primeira é a de divertir o culto. Sendo um elemento lúdico, em algumas partes do culto, especialmente os momentos iniciais do louvor, a musicalidade é utilizada para tornar a cerimônia mais divertida, ou seja, mais interessante para o público jovem.

A música também assume uma função artística. A arte, com certeza, é a própria natureza da música, logo, causa um efeito estético no culto, deixando-o mais atrativo especialmente para os visitantes. Perguntando as pessoas que visitavam o culto pelas primeiras vezes, sobre o que mais chamava a atenção no culto, ouvi muitas referências à dança e à música de qualidade. Logo, é possível perceber que o culto é tornado uma cerimônia atrativa, pela presença de elementos culturalmente artísticos reconhecidos pelos frequentadores. No caso deste culto relatado, nota-se que o pagode gospel e as coreografias apresentadas no interlúdio tomaram o caráter quase que de espetáculo, ou até mesmo show. O que conjuga os dois elementos, arte e diversão.

A outra função identificada é a de marco litúrgico. Apesar dos momentos de improvisado, há uma ordem no culto que é demarcada pelas canções que são entoadas. Desta forma, os vários atos do culto são acompanhados pela musicalidade, o que influencia no comportamento e na sensibilidade dos jovens para os diferentes momentos, havendo canções específicas a serem tocadas, cantadas e dançadas ou não em cada um.

Por fim, tem-se a música com a função de elemento que faz aflorar a espiritualidade. Como foi destacado, em algumas canções que são entoadas, as pessoas se sensibilizam para a experiência religiosa, algumas de caráter pentecostal. Isso está no fato de alguns jovens sentirem que através da música recebem algo de Deus e passam para outros e também no fato de que, muito provavelmente, é durante algumas canções que aqueles que desejam se sentem à vontade para falar em línguas, o que é típico da expressão religiosa pentecostal.

Devo concordar que a pesquisa aqui esboçada carece de mais observações e reflexões sobre o que foi dito. É, como nos alerta Geertz (2008), apenas uma leitura possível do culto jovem Fixados em Cristo. Contudo, sendo uma das formas de se interpretar o culto, ainda que de forma não cabal, pode contribuir para a formulação de hipóteses sobre novas movimentações que estão ocorrendo no campo religioso brasileiro. Se é verdade, como os levantamentos estatísticos recentes apontam, que o

pentecostalismo está avançando no campo, na realidade juiz-forana, constatamos com esta pesquisa etnográfica, um movimento difícil de ser demonstrado quantitativamente. Numa trajetória diferente da que foi apontada por Clara Mafra (2009), alguns membros de igrejas pentecostais estão se movendo para uma igreja histórica, que de uma forma ou outra, abriu espaço para a experiência pentecostal a qual resistiu durante tantos anos. Mas tal experiência está sendo reinterpretada, encontrando seu espaço em algumas canções que são entoadas durante o culto. Diferente das expressões musicais relatadas por Ariana Rumstain (2007), para quem as músicas utilizadas em eventos gospel não teriam diferença das músicas utilizadas em eventos em geral, salvo pelas letras religiosas, estas vivências, como foi relatado, acabam confundindo a própria experiência artística e lúdica com a experiência religiosa mais emotiva. Resta saber se este tipo de vivência não estaria acontecendo também nos eventos gospel e escapando àqueles que se propõem a etnografar estes espaços.

Acredito que esta demonstração seja a maior contribuição desta pesquisa. Concluo destacando uma parte de uma das entrevistas:

Pesquisador: O que você acha do culto de sábado?

Entrevistado: O culto de sábado... É o melhor culto da PIB!

Pesquisador: Por que você acha isso?

Entrevistado: Por que é o que toca música mais nova.

Pelo que tenho observado, posso afirmar que a novidade a qual este jovem se refere pouco tem a ver com o ano de lançamento das músicas, até por que algumas são bem antigas. Parece que tal novidade diz mais respeito ao tipo de experiência que estes jovens estão tendo com estas músicas, que não é tão comum em outros cultos da igreja. Ao que parece, no culto *Fixados em Cristo* a música é utilizada de diferentes maneiras durante um mesmo rito e, em alguns momentos, passa a ser não só um veículo que conduz ou induz à experiência religiosa, mas a própria experiência em si.

Referências Bibliográficas

ALMEIDA, Ronaldo. *A Igreja Universal e seus Demônios: um estudo etnográfico*. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2009.

BIRMAN, Patrícia. *Imagens Religiosas e Projetos para o Futuro*. In: *Religião e Espaço Público*. São Paulo: Attar Editorial, 2003. p. 235-255.

BRASIL. Lei Federal nº 8313. *Diário Oficial da União*. Brasília, 23 dez. 1991.

BRASIL. Lei Federal nº 12590. *Diário Oficial da União*. Brasília, 9 jan. 2012.

CAMPOS, Leonildo Silveira. Protestantismo Histórico e Pentecostalismo no Brasil: aproximações e conflitos. In: *Na Força do Espírito*. São Paulo, 1999. p. 77-119.

CLIFFORD, James. *A Experiência Etnográfica: antropologia e literatura no século XX*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1998.

COSTA, Waldney. Lazer em Igrejas Evangélicas: uso dos espaços e estratégias de vivência religiosa e lúdica. In: JORNADA DE CIÊNCIAS SOCIAIS DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA, 2., 2013, Juiz de Fora. *Anais...* Juiz de Fora: PPGCSO/UFJF, 2013. 1 CD-ROM.

CUNHA, Magali do Nascimento. *Vinho Novo em Odres Velhos: Um olhar comunicacional sobre a explosão gospel no cenário religioso evangélico no Brasil*. Tese de doutorado em Ciências da comunicação. São Paulo, ECA - USP, 2004.

FRESTON, Paul. *Protestantes e Política no Brasil: da Constituinte ao impeachment*. Tese de doutorado em sociologia. Campinas, IFCH, Unicamp, 1993.

GEERTZ, Clifford. Uma Descrição Densa: Por uma teoria interpretativa da cultura. In: *A Interpretação das Culturas*. 1ª ed. 13ª reimpr. Rio de Janeiro: LHC, 2008. p. 3-21.

MAFRA, Clara. Distância Territorial, desgaste cultural e conversão pentecostal. In: MAFRA, Clara; ALMEIDA, Ronaldo (orgs.). *Religiões e Cidades: Rio de Janeiro e São Paulo*. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2009. p. 69-89.

MARIANO, Ricardo. *Neopentecostais: Sociologia do novo pentecostalismo no Brasil*. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

MONTERO, Paula. Religiões e dilemas da sociedade brasileira. In: *O que ler na Ciência Social Brasileira (1970-1995)*. Vol. 1 Antropologia. São Paulo: Editora Sumaré / ANPOCS; Brasília: CAPES, 1999. p. 327-367.

QUEM somos. Disponível em <<http://www.pibjf.com.br/quem-somos.php>>. Acesso em 10 ago. 2013.

RUMSTAIN, Ariana. A Balada do Senhor. In: MAGNANI, José Guilherme Cantor; SOUZA, Bruna Mantese de (Orgs.). *Jovens na Metrópole: Etnografias de circuitos de lazer, encontro e sociabilidade*. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2007. p. 135-150.

SILVA, Vagner Gonçalves. Transes em Trânsito: Continuidades e rupturas entre neopentecostalismo e religiões afro-brasileiras. In.: TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata. (orgs.). *As Religiões no Brasil: Continuidades e rupturas*. 2. Ed. Petrópolis: Vozes, 2011. p. 207-227.

SOUSA, Salvador de. *A História da Música Evangélica no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Ágape, 2012.